

XI		
EM BUSCA DO SEXO		222
XII		
CRESCENTE DESUMANIZAÇÃO: UM CONFORTÁVEL CAMPO DE CONCENTRAÇÃO		243
XIII		
A PERSONALIDADE DESPERDIÇADA		267
XIV		
UM NOVO PLANO DE VIDA PARA A MULHER		291

## I

---

### O problema sem nome

O PROBLEMA PERMANECEU MERGULHADO, INTACTO, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio de que ela começara a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sòzinha com êle, enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: «E' só isto?»

Há mais de quinze anos não havia menção desta ansiedade nos milhões de palavras escritas sôbre a mulher e para a mulher nas colunas, livros e artigos de *especialistas*. Todos afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como espôsa e mãe. A voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade. Especialistas ensinavam-lhe a agarrar seu homem e a conservá-lo, a amamentar os filhos e orientá-los no contrôle de suas necessidades fisiológicas, a resolver problemas de rivalidade e rebeldia adolescente; a comprar uma máquina de lavar pratos, fazer pão, preparar receitas requintadas e construir uma piscina com as próprias mãos; a vestir-se, parecer e agir de modo mais feminino e a tornar seu casamento uma aventura emocionante; a impedir o marido de morrer jovem e aos filhos de se transformarem em delinqüentes. Aprendiam a lamentar as infelizes neuróticas que desejavam ser poetisas, médicas ou presidentes. Ficavam sabendo que a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e oportunidades que as

antigas feministas pleiteavam. Algumas, entre quarenta e cinquenta anos, lembravam-se ainda de terem renunciado com pesar a êsses sonhos, mas a maioria já nem pensava nêles. Mil vozes de *entendidos* aplaudiam sua feminilidade, seu equilíbrio, sua nova maturidade. Bastava-lhes orientar a vida desde a infância no sentido da busca de um marido e da formação da família.

Em fins da década de cinquenta, a média etária relativa ao casamento baixou para 20 anos entre as mulheres americanas e continuava a cair, descendo à adolescência. Havia quatorze milhões de mûças noivas aos 17 anos. A proporção de mulheres universitárias em relação aos homens caiu de 47% em 1920 para 35% em 1958. Um século antes as mulheres lutavam por uma educação superior. Em 1950, as mûças iam à universidade para arranjar marido. Em meados da década, 60% abandonaram a faculdade para casar, ou temendo que o excesso de cultura fôsse um obstáculo ao casamento. As universidades construíram dormitórios para estudantes casados, mas êstes eram quase sempre os maridos. Surgiu uma nova cadeia para as espôsas: «Ph. T.», ou seja (Putting Husband Through — Ajudar o Marido a Passar).

Em seguida, as jovens americanas principiavam a casar ainda no ginásio. E as revistas femininas, deplorando as infelizes estatísticas dêsses casamentos prematuros, insistiam em que houvesse nos ginásios cursos de preparação para o casamento e consultores matrimoniais. As meninas começaram a namorar firme aos doze ou treze anos. Os fabricantes de *lingerie* lançaram soutiens com enchimento de espuma de borracha para meninas de dez. E um anúncio de vestido de criança, publicado no *New York Times* do outono de 1960 dizia: «Ela também pode ingressar na turma das caçadoras de homens».

No final da década de cinquenta, o índice de natalidade nos Estados Unidos aproximava-se do da Índia. O movimento em prol do contrôle de nascimentos, rebatizado de Planejamento Familiar, recebeu o encargo de descobrir um método segundo o qual as mulheres que haviam sido desaconselhadas de ter um terceiro ou quarto filho, que poderia nascer morto ou deficiente, pudessem tê-lo, de qualquer maneira. Os especialistas em estatística surpreendiam-se principalmente com o fantástico aumento do número de filhos entre as estudantes universitárias. Onde antigamente havia famílias com duas crianças viam-se então quatro, cinco ou seis. As jovens que nas décadas anteriores desejavam seguir uma carreira preferiram a maternidade. Era o que publicava, jubilante, a revista *Life* em julho de 1956, num hino de louvor ao movimento da mulher americana de regresso ao lar.

Num hospital de Nova York, uma mulher teve uma crise nervosa ao saber que não poderia amamentar o filho. Em outros hospi-

tais, mulheres morrendo de câncer recusavam uma droga que a pesquisa provara ser capaz de salvar-lhes a vida: os efeitos colaterais eram antifemininos. «Se tenho apenas uma vida quero ser loura», gritava em anúncios de jornais, revistas e cartazes uma foto ampliada de mulher bonita e esguia. E de ponta a ponta dos Estados Unidos, três em cada dez mulheres tingiram o cabelo de louro e substituíram a alimentação por um pó chamado Metrecal, a fim de reduzirem-se às medidas das jovens modelos. Vendedores das grandes lojas revelaram que desde 1939 o manequim da mulher americana diminuira três ou quatro pontos. «As mulheres adaptam-se às roupas e não vice-versa», dizia um vendedor.

Os decoradores planejavam cozinhas com murais de mosaico e quadros originais, pois a cozinha transformara-se no centro da vida feminina. Costurar em casa tornou-se uma indústria milionária. A maioria das mulheres só saía para fazer compras, levar as crianças de um local para outro, ou comparecer a compromissos sociais com o marido. Mûças principiavam a educar-se sem jamais ter tido um emprêgo fora de casa. Em fins da década observou-se um fenômeno sociológico: um têrço das mulheres americanas trabalhava, mas a maioria não era jovem e poucas estavam seguindo carreira. Eram geralmente casadas, secretárias ou vendedoras, com empregos de meio expediente, ajudando a pagar os estudos do marido ou dos filhos, ou colaborando na liquidação de uma hipoteca. Um número cada vez menor dedicava-se a trabalho verdadeiramente profissional. A falta de enfermeiras, assistentes sociais e professoras provocou crises em quase tôdas as cidades americanas. Preocupados com a dianteira da União Soviética na corrida espacial, os cientistas observaram que o maior contingente intelectual em disponibilidade eram as mulheres. Mas estas não estudavam física: não era feminino. Uma jovem recusou uma vaga de ciência no John Hopkins para trabalhar no escritório de uma imobiliária. Sua ambição era a de tôda jovem americana — casar, ter quatro filhos e viver numa bonita casa, num bairro agradável.

A dona de casa dos subúrbios tornou-se a concretização do sonho da americana e a inveja, dizia-se, de suas congêneres do mundo inteiro. A dona de casa americana, libertada pela ciência dos perigos do parto, das doenças de suas avós e das tarefas domésticas, era sadia, bonita, educada e dedicava-se exclusivamente ao marido, aos filhos e ao lar, encontrando assim sua verdadeira realização feminina. Dona de casa e mãe, era respeitada como companheira no mesmo plano que o marido. Tinha liberdade de escolher automóveis, roupas, utensílios, supermercados e possuía tudo o que a mulher jamais sonhou.

Nos quinze anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, esta mística de realização feminina tornou-se o centro querido e intocável da cultura americana contemporânea. Milhões de mulheres moldavam sua vida à imagem daquelas bonitas fotos de esposa suburbana beijando o marido diante do janelão da casa, descarregando um carro cheio de crianças no pátio da escola e sorrindo ao passar o nôvo espalhador de cêra no chão de uma cozinha impecável. Faziam pão em casa, costuravam a roupa da família inteira e mantinham a máquina de lavar e secar em constante funcionamento. Mudavam os lençóis duas vezes por semana, em lugar de uma só, faziam cursos de tapeçaria e lamentavam suas pobres mães frustradas, que haviam sonhado seguir uma carreira. Seu sonho único era ser esposa e mãe perfeita. Sua mais alta ambição, ter cinco filhos e uma bonita casa. Sua única luta, conquistar e prender o marido. Não pensavam nos problemas do mundo para além das paredes do lar e, felizes em seu papel de mulher, desejavam que os homens tomassem as decisões mais importantes, e escreviam, orgulhosas, na ficha do recenseamento: «Ocupação: dona de casa».

Durante mais de quinze anos as palavras escritas para as mulheres e por elas usadas ao conversarem entre si, enquanto os maridos se reuniam a um canto da sala, falando de negócios, política ou novidades tecnológicas, referiam-se a problemas com os filhos, a manter feliz o marido, ajudar as crianças nos estudos, preparar pratos deliciosos, ou costurar capas de poltronas. Ninguém queria saber se as mulheres eram superiores ou inferiores: eram simplesmente «diferentes». Vocábulos como «emancipação» ou «carreira» pareciam estranhos e embaraçosos. Ninguém os usara há tanto tempo! Quando uma francesa chamada Simone de Beauvoir escreveu um livro intitulado «O Segundo Sexo», um crítico americano comentou que era óbvio que a autora «nada entendia da vida» e, além do mais, falava exclusivamente sobre a francesa. A «mulher-problema» deixara de existir na América.

Se surgisse uma crise nas décadas de 50 e 60, a mulher sabia que havia algo de errado no seu casamento ou nela própria. Outras viviam satisfeitas com sua vida, segundo pensava. Que espécie de criatura seria ela que não sentia essa misteriosa realização ao encerrar o chão da cozinha? Envergonhava-se de tal modo de confessar sua insatisfação que jamais chegava a saber que outras também a experimentavam. Se tentasse explicar ao marido ele não entenderia, pois nem ela própria se compreendia. Durante mais de quinze anos a mulher americana achou mais difícil falar sobre este assunto que sobre sexo. Mesmo os psicanalistas não sabiam que nome lhe dar. Quando uma mulher corria para eles, em busca de

ajuda, conforme faziam muitas, dizia: «Estou tão envergonhada. Devo ser totalmente neurótica».

«Não sei o que está acontecendo às mulheres de hoje» — dizia um psiquiatra, inquieto. «Sei que deve haver algo errado, porque a maioria dos meus clientes são mulheres. E seu problema não é de ordem sexual». As que tinham esse tipo de dificuldade não consultavam o psiquiatra. «Não há nada realmente errado — repetiam a si mesmas. — Não existe problema algum».

Mas, em certa manhã de abril de 1959, ouvi uma mãe de quatro filhos, tomando café com quatro outras mães, num bairro residencial a quinze milhas de Nova York, falar do «problema» num tom de mudo desespero. As outras compreenderam tácitamente que ela não se referia ao marido, aos filhos, à casa e perceberam de súbito que partilhavam de um problema sem nome. E começaram, a princípio hesitantes, a falar no assunto. Mais tarde, depois de apanharem os filhos no jardim de infância e os deitarem para a sesta, choraram de puro alívio por saberem que não estavam sòzinhas.

Aos poucos fui percebendo que o problema sem nome era partilhado por inúmeras mulheres do país inteiro. Quando redatora de uma revista, entrevistara muita gente a respeito de suas dificuldades com os filhos, o casamento, a casa, a comunidade, mas depois de algum tempo comecei a perceber sinais evidentes desse outro problema. Surpreendi-os em casas de bairros residenciais, em apartamentos de Long Island, Nova Jersey e Westchester. Em residências coloniais de uma cidadezinha de Massachusetts, em pátios de Memphis, em apartamentos dos subúrbios e do centro, em salões do Meio Oeste. Às vezes pressentia-o não como repórter, mas como dona de casa suburbana, pois nesse tempo eu também estava criando meus três filhos em Roackland Country, Nova York. Ouvi ecos do problema em dormitórios universitários, em enfermarias de maternidades, em reuniões de pais e mestres, em almoços da Liga das Mulheres Votantes, em coquetéis, em carros a espera de trens, em trechos de conversação surpreendidos no Schrafft's. As palavras hesitantes que ouvi em tardes tranquilas, quando as crianças estavam na escola, ou em noites em que os maridos faziam serão, creio que as compreendi primeiro como mulher, muito antes de perceber suas amplas implicações sociais e psicológicas.

Qual era exatamente esse problema sem nome? Quais as palavras usadas pelas mulheres ao tentar descrevê-lo? Às vezes diziam: «Estou me sentindo vazia... incompleta». Ou então: «Tenho a impressão de não existir». Às vezes apagavam a sensação com um tran-

qüilizante, julgavam que o problema relacionava-se com o marido ou os filhos. Ou então que precisavam redecorar a casa, mudar-se para um bairro mais agradável, ter um caso com alguém, ou mais um filho. De quando em quando consultavam um médico, apresentando sintomas que assim descreviam: «Sinto-me cansada... Zango-me tanto com as crianças que chego a me assustar... Tenho vontade de chorar sem motivo». (Um médico de Cleveland denominou-o «síndrome da dona de casa»). Um certo número de mulheres queixava-se de bôlhas nas mãos e nos braços. «Chamo a isso doença das donas de casa», dizia um clínico geral da Pennsylvania. «Constato-o com freqüência em jovens mães de quatro, cinco filhos, mergulhadas em esfregões. Mas não é causada por nenhum detergente e não se cura com cortisona».

Por vêzes uma mulher dizia-me que a sensação tornava-se tão opressiva que ela saía de casa e punha-se a caminhar a êsmo pelas ruas. Ou então desatava a chorar. Ou então as crianças contavam uma anedota e ela não ria simplesmente porque nem a ouvira. Conversei com mulheres que haviam passado anos em sofás de analistas, procurando «ajustar-se ao papel feminino», tentando resolver bloqueios para «sentir-se realizada como espôsa e mãe». Mas o olhar e o tom desesperado dessas vozes eram o mesmo tom e olhar de outras mulheres que estavam certas de não ter problema algum, embora sentissem aquêle mesmo estranho desespêro.

Uma mãe de quatro filhos, que deixara a universidade aos dezanove anos para casar, disse-me:

“Experimentei tudo o que se espera das mulheres — *hobbies*, jardinagem, preparação de conservas, contacto social com os vizinhos, participação em comitês, chás de Pais e Mestres. Sei fazer tudo isso e até gosto, mas nada me dá algo para pensar. Nada me diz quem eu sou. Nunca tive ambições de seguir uma carreira. Só queria casar e ter quatro filhos. Adoro as crianças, Bob e minha casa. Não tenho problemas que valha mencionar. Mas vivo desesperada. Começo a achar que não tenho personalidade. Sou uma copeira, babá, arrumadeira, a pessoa requisitada para qualquer coisa. Mas quem sou eu?”

Uma jovem mãe de vinte e três anos, vestindo *blue-jeans*, dizia:

“Pergunto a mim mesma por que me sinto tão insatisfeita. Tenho saúde, ótimos filhos, uma linda casa, bastante dinheiro. Meu marido tem um brilhante futuro como engenheiro eletrônico e não conhece esta insatisfação. Diz que eu preciso de férias e sugere um fim de semana em Nova York. Mas não é isso. Sempre achei que devíamos fazer tudo em grupo. Não consigo sentar-me e ler um livro sôzinha. Se as crianças estão dormindo a sesta e eu tenho uma hora de liberdade não faço outra coisa senão andar pela casa, à espera de que acordem. Só tomo uma iniciativa depois de saber para onde pretende ir todo o resto da turma. E’ como se desde pequena hou-

vesse alguém ou algo monopolizando minha vida: os pais, os estudos, o amor, a maternidade, a mudança para uma nova casa. Um dia, acordei e descobri que não tinha nenhum objetivo na vida”.

Uma jovem espôsa, num bairro de Long Island, declarou:

“Parece que estou sempre dormindo. Não sei por que me sinto tão cansada. Esta casa não dá tanto trabalho como o apartamento onde morávamos quando eu trabalhava fora. As crianças passam o dia na escola. Não é o trabalho. Tenho a impressão de que não estou viva”.

Em 1960, o problema sem nome explodiu como uma bôlha na imagem da feliz dona de casa americana. Nos anúncios de televisão, as bonitas garôtas continuavam a sorrir empunhando toalhas de prato e o artigo principal, do *Time* sôbre «A dona de casa dos subúrbios, o fenômeno americano», afirmava: «Têm uma vida agradável demais para se lembrarem de ser infelizes». Mas sua infelicidade foi de súbito registrada, a começar do *New York Times* e o *Newsweek*, até *Good Housekeeping* e a CBS («A Dona de casa Prisioneira»), embora quase todos os que mencionavam o assunto descobrissem uma razão superficial para liquídá-lo. Era atribuído à incompetência de profissionais de concertos (*New York Times*), ou ao longo percurso que as crianças precisavam cobrir nos subúrbios (*Time*), ou ao excesso de reuniões de pais e mestres (*Redbook*). Alguns diziam ser o velho problema: educação. A mulher estava recebendo educação cada vez mais elevada, de maneira que se sentia infeliz em seu papel de dona de casa. «De Freud a Frigidaire, de Sófocles a Spock, o caminho tornou-se acidentado», declarava o *New York Times* (28 de junho de 1960). «Inúmeras jovens casadas — nem tôdas, certamente — cuja educação as projetou no mundo das idéias, sentem-se sufocadas pela rotina da vida doméstica, achando-a incompatível com sua capacidade. Como todo prisioneiro, sentem-se abandonadas. No ano passado, o problema da dona de casa culta foi assunto de dúzias de discursos de preocupados educadores universitários, que continuam a afirmar, apesar de tantas queixas, que dezesseis anos de estudo acadêmico são um preparo realístico para a condição de espôsa e mãe».

Ninguém dava muita atenção à dona de casa culta. («Uma espécie de esquizofrênica de duas cabeças... na faculdade escreveu um estudo sôbre os poetas de Graveyard; agora escreve bilhetes para o leiteiro. Antigamente determinava o ponto de ebulição do ácido sulfúrico; no momento determina seu próprio ponto de ebulição dian-

<sup>1</sup> Consultar o número do 75º aniversário de *Good Housekeeping*, maio de 1960: “The Gift of Self” (O Dom de si Mesma), simpósio por Margaret Mead, Jessamyn West, e outras.

te do bombeiro que não aparece... E muitas vezes sua explosão reduz-se a gritos e lágrimas. . .Ninguém lhe dá atenção, nem ela própria. Ninguém atenta na espécie de pessoa em que se transforma ao passar de poetisa a megera»).

Especialistas em economia doméstica sugeriram um preparo mais realista para as futuras donas de casa, tal como aulas práticas nos ginásios. Educadores sugeriram grupos de debate sobre administração do lar e da família. Meia dúzia de artigos surgiram nas grandes revistas oferecendo «cinquenta e oito maneiras de tornar mais estimulante o seu casamento». Não passava mês em que não surgisse um novo livro, de autoria de psiquiatra ou sexologista, dando conselhos técnicos sobre a melhor maneira de se obter uma vida sexual mais satisfatória.

Uma humorista do *Harper's Bazaar* (julho de 1960) declarou que o problema poderia ser resolvido suprimindo-se o direito ao voto da mulher. («Na era anterior à Emenda 19, a mulher americana vivia tranqüila, protegida e segura de seu papel na sociedade. Deixava todas as decisões políticas ao marido e este, por sua vez, abandonava nas mãos dela todas as decisões domésticas. Hoje em dia a mulher tem que tomar todas as decisões, tanto domésticas como políticas, e isso é demais para ela»).

Alguns educadores sugeriram a sério que se deixasse de admitir a mulher nas faculdades: em face à crescente crise universitária, a educação que elas receberiam e não poderiam usar como donas de casa tornava-se mais que nunca urgente para os rapazes que precisavam enfrentar a era atômica.

O problema foi também afastado com drásticas soluções, que ninguém poderia levar a sério. (Uma escritora sugeriu no *Harper's* que as mulheres fossem obrigatoriamente convocadas como auxiliares de enfermeiras e *amas-sêcas*). Ou aplacado com a eterna panacéia: «A solução é o amor», «a única resposta é ajuda espiritual», «o segredo da realização: filhos», «um meio pessoal de realização intelectual», «para curar essa dor de dentes do espírito a fórmula mais simples é entregar-se nas mãos de Deus».

O problema era afastado dizendo-se à dona de casa que ela devia compreender o quanto era feliz: dona de si mesma, sem horários, sem competição. Caso contrário, acharia que os homens podem ser felizes neste mundo? Desejaria secretamente ser homem? Ignoraria o quanto vale ser mulher?

O problema foi também afastado com um encolher de ombros e as frases: «Não há solução. Faz parte da condição feminina. Que é que há com a mulher americana? Será que não sabe aceitar graciosamente seu papel?» E' o que dizia o *Newsweek* de 7 de março de 1960:

“Ela vive insatisfeita em meio a muita coisa com que nem sonham as mulheres de outros países. Seu descontentamento é profundo, persistente e impermeável a remédios superficiais, oferecidos com insistência... Um exercício de exploradores profissionais já delineou as principais fontes desse descontentamento... Desde o início dos tempos o ciclo feminino definiu e confinou o papel da mulher. Atribuiu-se a Freud as palavras: “Anatomia é destino”. Embora nenhum grupo feminino tenha jamais conseguido, como a mulher americana, afastar para tão longe essas restrições naturais, aparentemente ela ainda não as aceita de boa vontade... Uma jovem mãe de bonitos filhos, dotada de encanto, talento e inteligência é capaz de desculpar-se de sua condição, dizendo: “Que faço eu? Nada, sou uma simples dona de casa”. Aparentemente uma educação requintada ensinou a êsse paradigma feminino a valorizar todas as coisas, exceto a si própria...”

De modo que a mulher se viu forçada a aceitar o fato de que «a infelicidade da americana é simplesmente a mais recente conquista dos seus direitos» e a preparar-se para repetir como a feliz dona de casa descoberta pelo *Newsweek*: «Devemos abrir os braços à maravilhosa liberdade de que gozamos e nos orgulhar da vida que hoje levamos. Fiz um curso universitário e tive um emprego, mas ser dona de casa é minha função mais satisfatória e compensadora... Minha mãe jamais se imiscuiu nos negócios de meu pai... não podia sair de casa, afastar-se dos filhos. Eu vivo em plano de igualdade com meu marido, posso acompanhá-lo em suas viagens de negócios e em atividades sociais».

A alternativa oferecida às mulheres, poucas a desejariam. Nas palavras simpáticas do *New York Times*: «Todas confessam sentir-se às vezes profundamente frustradas pela falta de vida pessoal, pelos encargos físicos, a vida rotineira da família, seu isolamento. Contudo, nenhuma renunciaria ao lar e à família se tivesse que fazer nova escolha». *Redbook* comentava: «Poucas diriam adeus ao marido, aos filhos e à comunidade para viver sozinhas. As que o fazem podem ser talentosas, mas raro têm sucesso como mulher».

No ano em que o descontentamento explodiu, *Look* publicou que 21.000.000 de mulheres americanas solteiras, viúvas ou divorciadas, não deixam, nem mesmo depois dos cinquenta anos, de procurar desesperadamente um homem. E a busca principia cedo: setenta por cento das americanas casam-se antes dos vinte e quatro anos. Uma bonita secretária de vinte e cinco anos teve trinta e cinco diferentes empregos em seis meses, na vã esperança de encontrar um marido. As mulheres passam de um clube político a outro, fazem cursos noturnos de contabilidade ou navegação a vela, aprendem golfe ou ski, comparecem a uma série de igrejas, freqüentam bares sozinhas na incessante busca de um homem.

Entre os milhares que procuram tratamento psiquiátrico nos Estados Unidos, as casadas manifestam insatisfação no casamento, as

solteiras sofrem de ansiedade e finalmente depressão. Alguns psiquiatras declararam que, estranhamente, segundo suas observações, as solteiras eram mais felizes que as casadas. E foi assim que a porta de tódas aquelas bonitas casas de subúrbio entreabriu-se, revelando milhares de donas de casa sofrendo de uma crise sôbre a qual, de repente, todo mundo se pôs a falar, encarando-a como um dêsse insolúveis problemas da vida americana, tais como a bomba de hidrogênio. Em 1962, a condição da dona de casa americana tornou-se um jôgo de salão para todo o país. Números de revistas, colunas de jornais, livros sérios e frívolos, conferências educativas e programas de televisão eram dedicados ao assunto.

Mesmo assim a maioria dos homens, ao inverso das mulheres, continuava ignorando que o problema era real. Mas os que o haviam estudado com seriedade sabiam que todos os remédios superficiais, os conselhos amigos e as palavras de censura e de ânimo estavam, de certo modo, mergulhando o problema na irrealidade. Um riso amargo ouviu-se: o da mulher americana. Ela era admirada, invejada, lamentada e estudada até a náusea; ofereciam-lhe soluções drásticas ou tôlas, que ninguém levaria a sério. Recebiam tôda espécie de conselhos do crescente exército de consultores matrimoniais, psicoterapeutas e psicólogos, sôbre a melhor maneira de se adaptar ao papel de dona de casa. Em pleno século XX ninguém sugeriu um nôvo caminho para a realização da mulher americana. A maioria adaptou-se ao papel e sofreu ou ignorou o problema sem nome. Talvez fôsse menos doloroso desconhecer a estranha voz insatisfeita que gritava no seu íntimo.

Não é mais possível ignorar essa voz, desconhecer o desespero de tantas americanas. Ser mulher não é isso, apesar de tudo o que dizem os especialistas. Pois existe sempre uma razão para o sofrimento humano: talvez não fôsse encontrada por não se terem feito as perguntas corretas ou insistido bastante. Recuso a afirmação de que não existe problema porque a americana possui todo o conforto com que as mulheres de outras terras jamais sonharam; parte da estranha novidade da crise reside no fato de não poder ser analisada em têrmos dos velhos problemas materiais do homem: pobreza, doença, fome, frio. As que sofrem dêsse mal têm uma fome que o alimento não pode saciar. E esta ânsia existe em mulheres cujos maridos são médicos internos, funcionários de repartições, ou prósperos doutôres e advogados; em espôsas de operários ou executivos, ganhando de cinco a cinqüenta mil dólares anuais. Não é causada por falta de conforto material; talvez nem seja sentida por

aquelas que se encontram em luta com os desesperadores problemas da fome ou da doença. E as que julgam poder resolvê-lo ganhando mais dinheiro, uma casa maior, um segundo carro, ou mudando-se para um bairro mais aristocrático, muitas vêzes descobrem que o problema se agrava mais ainda.

Não é mais possível lançar hoje a culpa à falta de feminilidade, dizer que cultura, independência e igualdade com os homens tornariam pouco feminina a mulher americana. Ouvi tantas procurando negar esta insatisfação por não se encaixar no bonito quadro de feminilidade que os *entendidos* haviam elaborado! Creio de fato ser esta a primeira pista do mistério: o problema não pode ser compreendido nos têrmos geralmente aceitos pelos cientistas ao estudarem a mulher, pelos médicos ao tratarem dela, pelos conselheiros que as orientam e os escritores que escrevem a seu respeito. A mulher que sofre dêsse mal, e em cujo íntimo ferve a insatisfação, passou a vida inteira procurando realizar seu papel feminino. Não seguiu uma carreira (embora as que o façam talvez tenham outros problemas); sua maior ambição era casar e ter filhos. Para as mais velhas, produtos da classe média, nenhum outro sonho seria possível. As de quarenta ou cinqüenta anos, que quando jovens haviam feito outros planos e a êles renunciado, atiraram-se alegremente na vida de donas de casa. Para as mais mûças, que deixaram o ginásio ou a faculdade para casar, ou passar algum tempo num emprêgo sem interesse, êste era o único caminho. Eram tôdas muito «femininas», na acepção comum da palavra, e ainda assim sofriam do mal.

E as que terminaram a faculdade, as que sonharam algo além da vida doméstica, serão as que mais sofrem? Segundo os especialistas, sim.

Mas ouçamos quatro mulheres:

“Meus dias são todos ocupados e aborrecidos também. Não faço outra coisa senão correr de um lado para outro. Levanto às oito, preparo o café, lavo a louça e a roupa, arrumo a casa de tarde. Depois lavo a louça do jantar e me sento alguns minutos, antes de levar as crianças para a cama... Êste é o meu dia. Igual ao de qualquer outra dona de casa. Rotina. A grande diversão é correr atrás das crianças”.

“Meu Deus, que é que faço com o tempo? Bem, levanto às seis, visto meu filho e sirvo o café. Depois lavo a louça, tomo banho e dou mamadeira ao bebê. Preparo o almoço e, enquanto as crianças dormem a sesta, coso, passo a ferro e faço tudo o mais que não consegui fazer pela manhã. Depois preparo o jantar para a família. Meu marido assiste televisão, enquanto eu lavo os pratos. Depois que deito as crianças, enrolo o cabelo e deito também”.

“O problema é ser sempre a mãe dos filhos, ou a senhora do ministro, nunca eu própria”.

“Se alguém filmasse uma típica manhã em minha casa teria a impressão de assistir a uma comédia dos irmãos Marx. Lavo a louça, levo as crianças mais velhas para a escola, corro ao quintal para tratar dos meus cri-sântemos, vô para dentro, a fim de dar um telefonema sobre uma reunião de comitê; ajudo o mais moço a construir uma casa de cubos, passo quinze minutos dando uma olhadela nos jornais, a fim de estar bem informada, depois vô para a máquina, onde a roupa lavada três vezes por semana daria para vestir uma aldeia primitiva durante um ano inteiro. Lá pelo meio-dia estou pronta para uma camisa-de-fôrça. Pouca coisa do que fiz foi verdadeiramente necessária ou importante. Pressões externas desabam sobre mim o dia todo. Contudo, considero-me uma das donas de casa mais tranqüilas da vizinhança. Diversas de minhas amigas são muito mais agitadas. Nos últimos sessenta anos percorremos um círculo completo: a dona de casa americana voltou a viver encerrada numa gaiola de esquilos. Mesmo que a gaiola seja agora uma casa moderna, tôda de aço e vidro, ou um confortável apartamento, a situação permanece tão penosa como quando sua avó fazia tapeçaria num salão de veludo e móveis dourados, resmungando a respeito dos direitos da mulher”.

As duas primeiras não cursaram a universidade. Moram em Levittown, Nova Jersey, e Tacoma, Washington e foram entrevistadas por uma equipe de sociólogos que estudavam a vida de mulheres de operários.<sup>2</sup> A terceira, espôsa de um ministro, escreveu no questionário de seu colégio que nunca tivera ambições de seguir carreira, mas que estava arrependida.<sup>3</sup> A quarta, que tem um doutorado em antropologia, é hoje dona de casa em Nebraska e tem três filhos.<sup>4</sup> As palavras das quatro parecem indicar que mulheres de todos os níveis educacionais sofrem da mesma sensação de desespero.

O fato é que hoje em dia ninguém mais resmunga zangada a respeito dos «direitos da mulher», embora um número cada vez maior de jovens curse escolas superiores. Num recente estudo abarcando tôdas as classes que se graduaram em Barnard<sup>5</sup> uma significativa maioria das mais antigas acusava a educação recebida de induzi-las a lutar por «direitos»; mais tarde, de fazê-las sonhar com carreiras; as mais recentes, porém, acusavam o colégio de levá-las a sentir que não bastava ser dona de casa e mãe de família. Não queriam ter remorsos por não lerem livros, ou participarem de atividades comunitárias. Mas se a educação não é a causa do problema, talvez seja uma pista o fato de que ela de certo modo irrita a mulher.

<sup>2</sup> Lee Rainwater, Richard P. Coleman e Gerald Handel, “Working-man’s Wife” (Muller de Operário), Nova York 1959.

<sup>3</sup> Betty Friedan, “If One Generation Can Ever Tell Another” “Se Uma Geração Pudesse Dizer à Outra”, *Smith Alumnae Quarterly*, Northampton, Masc., Inverno de 1961. Percebi pela primeira vez o problema sem nome e seu possível relacionamento com o que acabei batizando de “mística feminina” em 1957, quando preparava um questionário intensivo e dirigia uma pesquisa de minhas colegas de classe do Smith College, quinze anos após a graduação. O questionário foi mais tarde usado por classes de antigas alunas de Radcliffe e outros colégios femininos, com resultados similares.

<sup>4</sup> Jhan e June Robbins, “Why Young Mothers Feel Trapped” (Por que as Jovens Mães se Sentem Prisioneiras), *Redbook*, setembro de 1960.

<sup>5</sup> Marian Freda Poverman, “Alumnae on Parade” (Antigas Alunas em Desfile), *Barnard Alumnae Magazine*, julho de 1957.

Se o segrêdo da realização feminina é ter filhos, nunca tantas mulheres, com liberdade de escolha, tiveram tantas crianças em tão poucos anos, de tão boa vontade. Se a resposta é o amor, nunca tantas o procuraram com tal determinação. Contudo, há uma crescente suspeita de que o problema talvez não seja de ordem sexual, embora possivelmente se relacione com sexo. Ouvi de vários médicos depoimentos sobre novos problemas entre marido e mulher — apetite sexual tão profundo na espôsa, que o marido não a consegue satisfazer. «Transformamos a mulher numa criatura do sexo», dizia um psiquiatra da clínica de orientação matrimonial Margaret Sanger. «Ela não tem identidade, exceto como espôsa e mãe. Não sabe quem é. Espera o dia inteiro que o marido volte para casa, a fim de se sentir viva. E agora é o marido quem se mostra desinteressado. E’ terrível para a mulher estar deitada ao seu lado, noite após noite, esperando que êle lhe dê a impressão de estar viva». Por que existe tal mercado de livros e artigos oferecendo conselhos sexuais? A espécie de orgasmo sexual que Kinsey descobriu em plenitude estatística nas recentes gerações aparentemente não resolve o problema da mulher americana.

Pelo contrário, surgem novas neuroses femininas e problemas ainda não classificados como tais, que Freud e seus discípulos não previram, acompanhados de sintomas físicos, ansiedade e mecanismos de defesa iguais aos causados pelo recalque sexual. E estranhas dificuldades vêm sendo registradas nas crianças cujas mães estão sempre presentes, levando-as de um lado para outro, ajudando-as nos deveres escolares: uma incapacidade de suportar a dor e a disciplina, de trabalhar com persistência por um objetivo e um arrasador tédio da vida. Os educadores estão cada vez mais preocupados com a dependência, a falta de autoconfiança dos rapazes e mças que ingressam hoje nas faculdades. «Estamos continuamente lutando para que nossos alunos assumam sua condição de adultos» — declarou um deão de Colúmbia.

Uma conferência na Casa Branca versou sobre a deterioração física e muscular da criança americana: estariam sendo superprotegidas? Os sociólogos observaram a surpreendente organização da vida infantil entre os moradores de bairros residenciais afastados: aulas, festas, diversões, jogos, grupos de estudo organizados especialmente para a infância. Uma dona de casa de Portland, Oregon, indagou por que as crianças precisavam ali de escotismo. «Não vivemos em favelas. As crianças passam muito tempo ao ar livre. Creio que os adultos vivem tão entediados que organizam as crianças e depois procuram envolver todo mundo. E as coitadas não têm tempo nem para se deitar e sonhar um pouco».

Estaria o problema sem nome de certo modo relacionado com a rotina doméstica da dona de casa? Quando uma mulher tentava expressá-lo, limitava-se muitas vezes a descrever sua vida diária. Que haveria nessa récita de confortáveis detalhes domésticos capaz de causar tal desespero? Sentir-se-ia prisioneira simplesmente por causa das imensas exigências de seu papel de dona de casa moderna: espôsa, amante, mãe, compradora, cozinheira, motorista, enfermeira, educadora, consertadora de utensílios domésticos, decoradora, nutricionista? Seu dia é fragmentado entre a máquina de lavar pratos e a de lavar roupa, o telefonema para a tinturaria, a ida ao supermercado, a entrega de Johnny ao grêmio esportivo, de Janey à aula de dança, o conserto do cortador de grama e a espera do trem das 6,45. Nunca pode passar mais de quinze minutos fazendo qualquer coisa. Não dispõe de tempo para ler livros, somente revistas. Mesmo que dispusesse, teria perdido a capacidade de concentração. Ao fim do dia está tão cansada que às vezes o marido a substitui na tarefa de levar as crianças para a cama.

Este terrível cansaço levou tantas mulheres ao médico na década de 50 que um deles resolveu investigar. E descobriu, surpreendido, que suas pacientes, queixando-se de «fadiga de dona de casa», dormiam mais que um adulto normalmente necessita — às vezes dez horas por dia — e que a energia despendida nas tarefas domésticas não era excessiva para sua capacidade. O verdadeiro problema devia ser outro, decidiu — talvez o tédio. Alguns médicos aconselhavam suas pacientes a sair de casa por um dia inteiro, ir a um cinema na cidade. Outros receitavam tranqüilizantes. Muitas já os tomavam como quem chupa pastilhas para tosse. «Você levanta de manhã sentindo que não é possível viver mais um só dia igual aos outros, de modo que toma tranqüilizante, porque ajuda a não dar muita atenção ao fato de que tudo o que você faz é sem importância».

E' fácil descobrir os detalhes concretos que aprisionam a dona de casa, as contínuas exigências feitas ao seu tempo. Mas as cadeias que a prendem existem somente em seu espírito. São feitas de idéias errôneas e fatos mal interpretados, verdades incompletas e escolhas irrealis. Não são fáceis de perceber, nem fáceis de romper.

Como pode a mulher apreender toda a verdade no âmbito de sua vida limitada? Como pode acreditar nessa voz íntima, quando ela nega as verdades convencionais e aceita, pelas quais se vem orientando? Contudo, as mulheres com quem conversei e que finalmente começaram a dar ouvidos a essa voz parecem estar tateando em direção a uma verdade que não ocorreu aos especialistas no assunto.

Creio que peritos em diversos setores vêm há muito tempo colocando sob o microscópio parcelas dessa verdade, sem o perceber.

Encontrei-as em recentes pesquisas e em desenvolvimentos teóricos de psicologia, sociologia e biologia, cujas implicações para as mulheres aparentemente jamais foram estudadas. Descobri inúmeras pistas conversando com médicos, ginecologistas, obstetras, pediatras, professores universitários, conselheiros conjugais, psiquiatras e ministros, discutindo não suas teorias, mas sua experiência no tratamento da mulher americana. E encontrei um crescente amontoado de evidências que lançam dúvidas sobre os padrões da normalidade, do ajuste, da realização e da maturidade femininas, pelos quais a maioria das mulheres vem pautando a vida.

E comecei a ver sob nova luz a volta da mulher americana ao casamento prematuro e às grandes famílias que estão causando a explosão demográfica; o recente movimento em prol do parto e da amamentação naturais, a conformidade suburbana, as novas neuroses, patologias caracterológicas e problemas sexuais registrados pelos médicos. E principiei a descobrir novas dimensões em velhos problemas que há muito vêm sendo aceitos sem discussão entre as mulheres: dificuldades menstruais, frigidez sexual, promiscuidade, medo do parto, depressão pós-puerperal, a alta incidência de crises emocionais e suicídios entre mulheres de vinte e trinta anos, as crises da menopausa, a pseudopassividade e imaturidade do homem americano, as discrepâncias entre a comprovada habilidade intelectual na infância e as realizações na vida adulta, a mudança na incidência do orgasmo sexual adulto na americana e os persistentes problemas psicoterápicos e educacionais da mulher.

Caso eu esteja certa, o problema sem nome, que fervilha hoje no íntimo de tantas mulheres, não é uma questão de perda de feminilidade, excesso de cultura, ou exigências domésticas. E' muito mais importante do que parece à primeira vista. E' a solução daqueles novos e velhos problemas que vêm há anos torturando espôsas, maridos e filhos, intrigando médicos e educadores. Pode muito bem ser a chave de nosso futuro como nação e como cultura. Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da mulher, que diz: «Que-ro algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa».